

Costumo usar, alternadamente, dois relógios de pulso. O que prefiro mostra apenas o dia do mês. O outro, além do dia do mês, tem o dia da semana. Desde criança nunca lembro, sem fazer algum esforço mnemônico, qual é o dia do mês. Nos últimos anos, trabalhando apenas em casa, também não consigo recordar, sem mobilizar minha memória, o dia da semana. Rotineiramente, depois de usar algum tempo o relógio que mostra apenas o dia do mês, volto a usar o relógio que informa também o dia da semana. Ponho sempre o relógio que não estou usando sobre uma mesinha da sala. Depois de usar um dos relógios por vários dias, fui trocá-lo pelo que mostra o dia da semana, mas ele não estava na mesinha. Eu tinha certeza absoluta de que o vira naquele local. Alguém tinha tirado o relógio dali. A moça que trabalha na minha casa disse que não havia mexido nele. Assim como os meus filhos, ela está acima de qualquer suspeita. Eu tinha, então, quatro suspeitos, que haviam estado naquela sala nos últimos dias: o técnico das cortinas, o eletricista, o relojoeiro e o rapaz da farmácia. A questão era descobrir o delinquente. Então me lembrei das aulas de direito penal, das discussões de que não havia delinquentes, mas indivíduos antissociais, nem crimes, mas fatos indicativos da antissociabilidade. E lembrei-me também do testemunho incluindo as declarações da vítima e a confissão de autoria. A questão é que, depois de pensar isso tudo, concluí que até então eu havia deixado de lado um quinto suspeito: eu. O meu testemunho, a minha certeza absoluta de que havia visto o relógio de pulso na mesinha talvez não expressasse a verdade. Então comecei a solucionar o mistério partindo do quinto suspeito. E isso não apenas foi confortável espiritualmente, pois desconfiar dos outros é muito desagradável, como acabou resolvendo a charada: eu havia, inconscientemente, deixado de seguir a rotina e colocado o relógio em outro local. Minha certeza de que o vira na mesinha não passara de mais um equívoco testemunhal.

